

HOMENS

Aos militantes operários, amigos de apresentadas, pelas folhas que defendem os capitalistas e pelos políticos da burguesia, como criaturas nefastas, foram agora esses inimigos do proletariado em chamar *meneurs*, atribuindo-lhes as piores qualidades e apontando-os como fomentadores dos conflitos de carácter social e, por vezes, dos de natureza política.

Muitos daqueles que semelhantes acusações, lançam sobre os homens que maior soma de actividade desenvolvem nos organismos sindicais é possível que ignorem quanto esforço esses homens em várias ocasiões empregam para que as corporações a que pertencem, em certos casos justamente irritadas por atitudes provocadoras do patronato e do Estado, não se precipitem em lutas que umas vezes revestem o aspecto defensivo, outras o agressivo.

Momentos há em que é mister que os chamados *meneurs* — não por meio de imposições, que hoje não são toleradas no movimento sindicalista, mas falando uma linguagem raciocinada, persuasiva — detinham os impulsos dos seus companheiros de trabalho, os mais ardentes dos quais nessas ocasiões chegam a aconselhá-los de conservadores. E quantas vezes sucede também não serem tomadas em consideração as exortações dos militantes, criaturas geralmente experientes, com largo treino nas rudes batalhas entre patrões e operários, vindas das propostas dos menos reflectidos, que, volvidos os primeiros momentos de entusiasmo, recebem duras desilusões, tam brutais em certos casos que jamais são obrigados nas assembleias!

Todos os operários organizados que nos leem sabem que estamos interpretando, o seu justo pensamento, porque as nossas palavras são rigorosamente verdadeiras. E' até provável que alguns indivíduos que não pertencem à classe operária, mas que por virtude de posições oficiais que ocupam ou tenham ocupado na sociedade hajam tido ocasião de verificar que sucede exactamente como dizemos, embora não tenham a hombridade de confessá-lo.

Aos que afirmam que os *meneurs* sindicais não trabalham e vivem à custa das associações — acusação frequentemente lançada pelos nossos adversários — objectaremos que é possível que entre os militantes operários haja alguns que, quer na sua vida pública, quer na vida privada, possam dar motivo a associarem-se-lhes com justiça inconsequências e atitudes menos dignificantes. Mas se sucede haver — e somos tam pouco fúteis — que acreditamos que haja — militantes operários cujo procedimento não corresponde à delicadeza dos cargos que exercem nas respectivas corporações, a estas cabe a responsabilidade da sua existência, porque os toleram, porque os não põem à margem como é justo que sejam postos os que não sabem comportar-se de maneira a honrar os seus organismos e a honrar-se a si próprios.

Em regra, porém, os militantes operários, ou *meneurs*, se quiserem, são dos operários que melhor cumprem, quer perante os patrões, quer perante os seus confrades, os deveres que lhes cabem, assim se justificando que sejam eles os primeiros a reivindicar os correspondentes direitos. E mal seria se assim não sucedesse, porque lhes faleceria toda a autoridade moral, que é a maior força que um propagandista pode ter.

Os tais *meneurs* são, em geral, dos operários que melhor conhecem a profissão que exercem, pertencendo ao número dos mais competentes e inteligentes componentes da classe, e nem de outra forma se explicaria que sejam justamente considerados pelos seus camaradas.

E, caso singular, sendo dos que mais esmeradamente trabalham nos seus sindicatos e no que mais se sacrificam, no inte-

resse da colectividade, exactamente por que formam no número dos melhores técnicos, não teriam necessidade de sujeitar-se, se olhassem de preferência às vantagens individuais, às mil vicissitudes que lhes trazem as lutas sindicais, visto que o menos com que podem contar, desde que se consagram a tais lutas, é frequentar de quando em vez os cárceres da república, sob cuja ameaça estão permanentemente. Antepussem eles aos interesses das classes a que pertencem o seu egoísmo individual, à semelhança do que fazem vários colegas seus, o conquistariam, pelas suas faculdades profissionais, pelos seus conhecimentos técnicos, os melhores lugares.

Estariam, se enveredassem por esse caminho, de bem com os industriais a quem alugam o braço e com cuja simpatia não contam nem podem contar quando se colocam à frente dos sindicatos, e não seriam incomodados pela polícia. Simplesmente estariam de mal com a sua consciência, que não lhes perdoaria que tudo subordinassem ao próprio interesse, e é a característica das almas medíocres.

Os *meneurs* operários! Merecem o nosso respeito, porque tem um ideal a animá-los e porque por isso ideal lutam, não com mira no seu próprio interesse, mas no da colectividade, quando é certo que se quisessem ocupar-se apenas do si teriam uma existência tranquila, embora ao faltar a sua vida não pudessem registar um acto de altruísmo.

Também entre a classe que se nos opõe há *meneurs*, mas esses, não só porque são norteados invariavelmente pelo espírito conservador, mas também porque não correm nenhum dos perigos a que permanentemente se expõem aqueles, visto que contam com o mais lato apoio dos que detêm o poder, não inspiram ao observar imparcial o respeito que merecem os que tudo arriscam para transformar as bases em que assenta a presente sociedade.

A greve da fome

Manteem-na Malatesta, Borghi e Quaglino, para que lhes seja instaurado processo

Dissemos há dias que Malatesta e Borghi, presos na cadeia de Milão, haviam iniciado a greve da fome. Completamos hoje a informação com elementos que tiramos do último número que recebemos de *Avanti!* Nova.

Depois de terem avisado previamente o ministro da justiça, Malatesta, Borghi e Quaglino, detidos há cinco meses nos cárceres de S. Vittore sem culpa formada, resolveram iniciar a greve da fome, não para que lhes seja concedida a liberdade, mas para que lhes seja instaurado o respectivo processo.

Como se vê, estas camaradas recorrem ao acto desesperado da greve da fome, unicamente para reclamarem que lhes seja aplicado o que determina a lei, e é na verdade bastante extraordinário que os próprios inimigos das leis do Estado se vejam obrigados a afrontar o suicídio para que aquelas ao menos lhes sejam aplicadas.

E' provável que o Estado finja ignorar esta resolução, para se aproveitar de uma ocasião oportuna de se libertar de tam incómodas pessoas, mas os anarquistas já declararam que não estão dispostos a assistir tranquilamente à lenta agonia dos seus melhores camaradas, e que lutarão com toda a energia e com todo o desespero para que — trágica ironia da sorte — a lei seja respeitada pelos seus próprios representantes.

AS GREVES

Operários da indústria têxtil da Covilhã

Por comunicação telegráfica que nos acaba de ser enviada pela Associação dos Operários da Indústria Têxtil da Covilhã, sabemos que terminou ontem a greve geral que os operários daquela indústria haviam declarado há alguns dias em virtude do respectivo patronato não ter atendido a reclamação de aumento de salário que lhes fora apresentada.

O movimento teve seu termo em face dum compromisso que os industriais assumiram, perante a autoridade administrativa, segundo a qual se prontificam a melhorar a situação económica do operariado da indústria têxtil que, conforme temos demonstrado, era até agora insustentável.

O moral dos grevistas foi, até final da luta, muito elevado, tendo-se verificado entre eles a mais completa união,

A GREVE

DOS Trabalhadores dos jornais

Uma coisa assombrosa

A plataforma que o dr. sr. Magalhães Lima apresentou a uma comissão de grevistas e de que estes, com justificado assombro, tomaram conhecimento na sua assembleia magna de anteontem e cuja discussão logo puseram de parte, não é, não pode ter sido obra daquele velho jornalista, tendo que se encarar como uma coisa das empresas jornalísticas, com cujos representantes o dr. Magalhães Lima conferenciou várias vezes, por incumbência do presidente do ministério.

A gente lê aquilo e pasma da petulância dos industriais do jornalismo, a quem 68 dias de luta por parte dos seus assalariadíssimos não convenceu que o carácter destes não é feito de lama.

Nós estamos na persuasão de que os industriais do jornalismo se tivessem já capacitado que os trabalhadores dos jornais em greve poderão ser esmagados, mas preferiram isso a efectuar transigências que avilantam. Que estavam ludios prova-o o facto dos referidos industriais haverem encarregado aquele mediocrite de submeter à apreciação dos grevistas um documento que é um amontoado de insolências. Quem o lê, e desconhece os factos, há de julgar que os grevistas estão desmoralizados e repêos da atitude que tem seguido desde o início do movimento, quando é certo que nenhum acontecimento se operou até agora que possa traduzir quebrantamento de ânimo e muito menos arrependimento, o que só poderia suceder se os trabalhadores dos jornais não tivessem a consciência de que desde a data em que formularam as suas reclamações tem procedido com firmeza, mas também com correcção.

Fala-se ali em benevolência, como se nos arraias dos grevistas se tivessem registado actos que pudessem levar a empresas a concluir que se deseja o seu perdão, quando é certo que o que se pretende é que elas atendam como um acto de justiça as reclamações dos que exercem, até à data em que foi declarada a greve, a sua actividade nos jornais e que só a lei a pôde voltar de cabeça ao alto, to-os e não alguns, desde que se chegue a um acordo honesto, porque não há possibilidade de ser firmado pelos que estão à frente do movimento qualquer documento menos digno.

Quando o papel foi lido na assembleia esta recebeu-o à gargalhada. Não há dúvida que não podia ser acolhida de outra maneira uma coisa daquela natureza, que sendo grotesca, bem revela a crueza moral de quem o sugeriu, que não pode ter sido senão o *meneur* das empresas Manuel Guimarães, que mede os sentimentos dos trabalhadores dos jornais pelos seus.

O apoio do operariado

A secção profissional dos pintores, em assembleia geral ontem realizada, aprovou uma proposta saudando os trabalhadores de jornais em greve, protestando contra a afronta feita pelos governos mandando confeccionar os jornais por militares.

Depoimentos de dr. Magalhães Lima

A *Batalha* publicará amanhã a primeira duma série de entrevistas que o redactor deste jornal teve com o dr. sr. Magalhães Lima a propósito da sua última viagem ao estrangeiro.

D. Paiva em calças pardas

Uma confusão leva Couceiro para as cadeias de Espanha

Traduzimos de *Espana Nueva*:

O episódio não pode ser mais cómico. O famoso Paiva Couceiro, conquistador, em fuga de Chaves, candidato ao império de Cabeceiras de Basto, rei de Villaverde da Raia, príncipe de Montalegre por umas horas, rei de Sebastião por uns minutos, dominador de quatro aldeas de 100 pessoas cada uma, «terror dos mares» e fugitivo das «turras e terrafas», o admirável Paiva foi confundido com Casanellas. Cuidado com Homem Cristol!

Que dirão Portugal e os Algarves? Paiva declarará guerra a Espanha? Tudo é possível. O homem de ordem, assim intitulado, confundido com um anarquista! Não, isso não pode ser!

Se se fosse a relatar a série de horrores, saqueios, fustigamentos, violações e incêndios causados pelos paivantes, Casanellas ficaria ao lado deles como uma nóbil mariposa ou uma donzela do *Sacré Cœur*.

Que torna curiosa esta detenção e o que devia chamar a ordem (ou fazer com que o chamassem) o governo das Espanhas é a circunstância de, com o conhecimento e a tolerância do governo espanhol, continuarem Paiva e os seus conspirando na fronteira e preparando revoluções de contrabando e saque. E' inqualificável que entrem em Portugal, como anualmente fazem, e levem milhares e milhares de escudos e até de contos, voltando a Espanha para distribuí-los.

Esta é a filosofia que se desprende da confusão Paiva-Casanellas, do *quiproquo* anarquista-talassita.

O governo protege essa indústria lusitana, mais produtiva que a do vinho verde.

Adelante con los faroles! Senhor Paiva, você é um vivas!

A BATALHA vende-se em Abbeville.

A infâmia anónima DA CONFEDERAÇÃO PATRONAL

Pelas referências que nestas colunas temos feito ao miserável folheto da Confederação Patronal já os leitores sabem que se trata duma ignóbil tratanda, uma espécie de conto do vigário, premeditado a frio, e demoradamente executado. Aliou-se a mentira à preverdade e deu aquilo uma brochura indecente, escrita em bundo, falsa como o beijo de Judas, venenosa como os dentes da víbora. Há uma circunstância a salientar: é a de ser anónimo aquele defeito em 36 páginas. Quem é o autor? Quem desiluiu a peçonha precisa para preencher aqueles asscosos períodos? Quem levou a cabo aquela nojenta obra de deslucidação? Não se sabe. O folheto não o diz. Não há, nem na capa, nem no frontispício, nem na última página daquela porcaria impressa a indicação dum nome. O autor, tam orgulhoso se sentiu da sua obra que evitou cautelosamente subscrivê-la. Que sentimento o levava a esconder o nome? A vergonha não foi, com certeza, p' is quem mente e finge daquela maneira não tem vergonha nenhuma. Naturalmente foi o medo. Medo de que o segurasse a valer pelo gascante e o intimassem a comprovar as suas latrínias parlapateias.

Já d'amos aqui que aceitávamos como natural, a fundação da Confederação Patronal. Não ganhiam nada com isso os senhores patrões. Em todo o caso, deixá-los lá cavar na areia movediça do progresso as suas ineficazes trincheiras. Repara-se todavia na diferença tremenda que existe entre os nossos processos de propaganda e os deles. Temos nós, os operários, editado dezenas e dezenas de obras de propaganda: folhetos, brochuras, volumes. Mas sempre o nome do autor se patenteia nobremente na frente das publicações editadas. Quem escreve, do lado de cá, assume a responsabilidade das suas opiniões, pelo menos no que respeita à veracidade, a honestidade, a sinceridade. Assim, as responsabilidades morais. As responsabilidades legais é que nem sempre podem assumir-se, porque a lei é uma burla, a máscara hipocrita da tirania burguesa, e nós não a reconhecemos. O autor do folheto da Confederação Patronal não se mostra. Oculta-se. A própria Confederação vive uma vida de toca, de treva, de fingimentos e de falsidades. Tem medo e foge da luz. «O impio a própria sombra o amedronta», disse alguns [Salomão, traduzido por João de Deus].

Quem será pois o autor da vergonhosa tráfalhe em 36 páginas editada

pela Confederação Patronal? Já os leitores viram, pelas transcrições que há dias publicamos nestas colunas, a pobreza literária do rabiscador. Os períodos estiram-se laboriosamente, solavancando duma maneira lamentável, recheados de tristíssimos erros gramaticais. Prosse desgracada e tacanha de quem não nasceu para escrever. E' intuitivo que a Confederação Patronal, tendo adoptado para a sua propaganda esta deporável orientação, escolheria o mais valioso dos seus membros, o mais apto a enfileirar palavras, para pôr em letra de imprensa as infâmias que imaginou. Daqui se pode tirar por conclusão o grau de cultura dos restantes membros da Confederação Patronal. Ora...

Ora as suposições, nem sempre acertam. Mas vamos jurar que o autor da reles parlapateia tinha sido... Em suma, todos os indícios escoram a nossa suposição. A verdade é que o sr. Sérgio Príncipe tem sido, dentro da Confederação Patronal, um elemento dos mais medíocres. Nós conhecemos um bocadinho esse senhor. Antigo ferroviário, espirrando canivetes no órgão da sua classe, é todavia dotado daquelas qualidades necessárias para se amarrar na vida. O sr. Sérgio Príncipe realmente amarinhou. Foi passando de degrau para degrau e assim mudou de posição. «Subiu? Evidentemente, que subiu, porque a sua situação económica é hoje muito melhor do que era outrora. Se encaramos a sua evolução sob todos os outros aspectos, vemos que o sr. Sérgio Príncipe desceu. Só num particular ele não mudou: foi na sua notável incapacidade redactorial.

O sr. Sérgio Príncipe, agora posto à cabeça da Confederação Patronal, publicou em 1916 um qualquer livrinho, *Palavras de desconfiança* se intitulava, todo impregnado de revolucionarismo. E' evidentíssima a semelhança de estilo entre este paupérrimo livrinho e o folheto da Confederação Patronal. A mesma deslealdade na linguagem, a mesma tacañeria de forma, a mesma insuficiência gramatical, os mesmos períodos estirados e aperfeiçoados a martelo, a mesma desgraça de conceitos.

Poderia muito bem ter sido o sr. Sérgio Príncipe o autor do folheto de que nos temos vindo ocupando. «Seria, não seria? Ele não terá por certo a coragem moral de responder-nos. Mas fosse que não fosse, não acia a Confederação Patronal que lhe seria útil adoptar mais decentes processos de combate e propaganda?

várias fontes, o mínimo que pode gastar em Berlim um operário solteiro é 158 marcos por semana, um casal sem filhos 238 e um com 2 filhos 250.

Ora presentemente só os mecânicos hábeis e os mineiros que fazem horas suplementares ganham por semana 330 marcos. Os restantes não chegam a passar dos 250.

De forma que só o homem solteiro ou o casado sem filhos é que pode gozar um mínimo de conforto.

Quando falo em trabalhadores, não me refiro só aos manuais, pois que os intelectuais ainda estão em piores condições por terem de guardar as aparências.

A sociedade alemã divide-se actualmente em duas classes: uma composta dos poucos que tudo possuem, e outra dos que só tem o seu braço e o cérebro. A classe média tende a incorporar-se na última.

E' sobre esta que vai pesar esmagadoramente o pedido das trezentas mil libras em ouro que a Entente exige a título de indemnização.

A fim de pagarem as indemnizações, os trabalhadores manuais e intelectuais terão ainda de sofrer mais privações do que as que já sofrem.

Isto, sem dúvida, agrada aos magnates industriais da Alemanha, porque a exportação dos valores da indemnização lhes abrirá um novo campo a explorar.

Mas é desejado sobretudo pelo patronato da Entente, porque farão de pau para o modo de vida dos trabalhadores dos seus países pela dos trabalhadores da Alemanha. E o governo alemão, a despeito de todos os protestos, oferece os seus serviços aos governos da Entente como o «conductor de escravos» do seu próprio povo.

O julgamento dum engenheiro comunista em Inglaterra

Acusado de fazer propaganda seditiosa entre a população civil, compareceu perante o tribunal de Birmingham o engenheiro Harry Marshall Emery, que foi condenado a dois meses de prisão.

Foi ele próprio que fez a sua defesa, espraçando-se sobre a significação da palavra seditiosa, e dizendo que não são os comunistas que originam a luta, mas que, pelo contrário, é que são criados por ela.

Referindo-se à revolução, disse que a passagem do sistema capitalista para uma melhor organização social só poderá ser pacífica se a burguesia assim o quiser.

«Por cada pessoa que encarcerardes acrescentou ele — aparecerá uma dúzia a substituí-la. Aqui afirmo eu que a causa dos trabalhadores é para mim mais cara do que a própria vida. Um único crime poderei cometer: é o de ser traído por causa dos trabalhadores».

TAMBÉM EM LOURENÇO MARQUES

Há falta de casas

Lá como cá, os senhorios adoptam expedientes infames...

Pelo jornal socialista *O Emancipador*, de Lourenço Marques, vimos que naquela cidade o problema da habitação está numa das suas crises mais agudas. Lá como cá a falta de moradia é absoluta. Não há um canto onde alojar um leito nem uma pessoa.

No referido número de *O Emancipador* o assunto é abordado em duas locais e em artigo de fundo.

Também lá os senhorios arranjam ordens de despejo; também usam de todos os *trucs* para pôr o inquilino na rua, embora saibam que não existe vago um quarto sequer.

Transcrevemos uma dessas locais, para que os leitores da metrópole apreciem casos interessantes de ordem de despejo e o conselho que *O Emancipador* dá aos lesados:

«Procuram-nas já três pessoas, que vieram até nós protestar contra o mandado de despejo que lhes foi feito pelos respectivos senhorios, e perguntando-nos o que fazer em semelhante contingência, não tendo casa para onde ir.

Nós aconselhámos-las a recusar-se a sair, a todo o transe, a organizar mesmo uma defesa em forma, de molde a sacudir quem pretende desalojá-las, isto é, a menos que o sr. governador geral lhes ofereça residência, já que que lhe tirou por uma disposição da sua responsabilidade».

Realmente não há outra coisa a aconselhar nem outro conselho a seguir. As circunstâncias e a energia dos povos fazem lei. Não havendo casas para alugar a lei é não abandonar a que se está habitando.

Não sabemos se em Lourenço Marques também existe uma legião de párias sem lar nem beira, como a que por essa Lisboa dorme pelas escadas, pelas vielas escuras e edifícios em ruína, abandonados, ou nos corredores do Convento das Bernardas. E' possível que haja, assim como há lá um govel que consente estes iníquos mandados de despejo, em tudo idênticos aos que se verificam na metrópole.

A outra local de *O Emancipador* consta de uma carta de um inquilino, queixando-se que o senhorio está fazendo do possível para o pôr na rua. Serve para isso de processos imundos, tais como a construção de reitretes, que exalam um fétido insuportável.

O artigo de fundo de que falamos refere-se a uma importante reunião de funcionários onde o problema das casas foi examinado com a máxima atenção.

Dêse artigo extraimos alguns períodos.

Há falta de casas

Lá como cá, os senhorios adoptam expedientes infames...

dos que bastam para nós fazermos uma pequena ideia da forma incompetente como tam grave problema tem sido tratado pelas autoridades.

«O sr. Afonso de Carvalho pronunciou, na sessão do funcionalismo de 7 do corrente, uma grande verdade: é de que o problema da habitação é fácil de solucionar. Ba, para isso, defrontar-se com inteligência o problema, e ter-se uma vontade firme de o resolver».

Em 1919, o conselho do governo ocupou-se da questão, e pôs de parte, com certa incépia, o projecto do sr. Santos Gil, para resolver a construção, aos bocadinhos, entregando-as a várias empresas teiros.

Se havia de se fazer um rol quanto possível exacto de todo o material a empregar e comprá-lo dum facto, ao preço firme de X, começou-se a fazer as compras aos bocadinhos, e daí enroscou-se a empresa nos sobressaltos e instabilidades cambiais que de novembro de 1919 em diante se manifestaram.

O resultado é que os 300 contos destinados às casas, cá, vez ficavam mais minúsculos à medida que o câmbio subia e daí o fiasco final. Ora isto, temos de concordar, não honra quem actuou no superintendente na execução da obra, porque, mesmo que a instabilidade cambial se não manifestasse, nada justificava que os materiais fossem comprados, como costuma dizer-se, às milhijas, em vez de se comprarem em globo, o que, sabido que quanto maior quantidade se compra, mais barato sai, só revela incépia e incompetência.

O conselho do governo recolheu, portanto, a penates, deixando como prova do seu pouco tacto seis casas em principio de construção e nunca mais pensou no assunto, senão para discutir a portaria n.º 1729, e nessa discussão revela mais uma vez a sua incompetência, pois não há ninguém que não considere a lei um verdadeiro aborto, em que pese ao dr. sr. Reis, que as más línguas dizem por aí à boca cheta ter feito a lei por procuração dos monstros.

E' bastante elucidativo o que os leitores acabam de ler.

Entendemos, porém, que a resolução não depende apenas do governo daquela cidade africana. Os governos da metrópole são os principais culpados.

Felizmente observamos que os mais interessados, os inquilinos de todos os pontos, onde a caranguejola republicana tem influência, se estão mexendo no sentido de impelir os governantes para diante, obrigando-os a atacar o problema de frente.

Congresso Nacional Metalúrgico

Sessão em Rossio de Abrantes

ROSSIO DE ABRANTES, 17.—Reuniram as classes metalúrgicas desta localidade sob a presidência de José Miguel, secretário-geral Francisco Vicente de Oliveira e Severiano Rodrigues Beirão. O presidente fez a apresentação dos dois delegados que vieram do Sindicato Unico de Lisboa, elogiando muito a missão que os trazia até estas paragens.

Em seguida fez uso da palavra o camarada Zacarias de Pinho, que se cingiu ao Congresso de Tomar, fazendo votos para que os metalúrgicos daqui se representassem nessa magna assembleia.

Falou também das comissões do Sul e referiu-se à maneira como muitos camaradas se vão organizando para o desenvolvimento da indústria metalúrgica em Portugal.

Depois teve a palavra o camarada António Peixe. Começou por tratar dos Sindicatos Unicos, do seu desenvolvimento e acção e as garantias que trazem para o proletariado; condenou as vaidades operárias e tratou dos salários mínimo e máximo. Referiu-se à acção da Confederação Geral do Trabalho, Federações, Sindicatos Secções e Comités, dizendo ser preciso uma forte organização para garantia de todos os trabalhadores, fazendo votos para que ficasse organizada a Secção dos Metalúrgicos no Rossio de Abrantes, o que toda a assembleia aprovou e acceitou com entusiasmo. Falou só re a escravatura dos menores nas oficinas, desenhando as vantagens da Caixa de Solidariedade.

Referiu-se à juventude, que é o estelo da Sociedade Moderna, e fez a apologia do jornal *A Batalha*, a sua acção perante os trabalhadores, e a necessidade do seu desenvolvimento por estas regiões.

Terminou por fazer votos para que fosse definitivamente organizada a Secção dos Metalúrgicos e que se nomeasse o delegado que há de representar a classe no Congresso. Toda a assembleia recebeu bem a lembrança, sendo nomeado o camarada Manuel Régio.

Em seguida fez uso da palavra Manuel de Abreu que desenvolveu a questão associativa e terminou por dar um voto de louvor aos delegados do Sindicato Unico de Lisboa, o que foi correspondido com vivas à organização operária e a *Batalha*.

O presidente propôs para que se nomeasse a direcção da nova secção, ficando assim constituída: secretário-geral, Francisco Vicente de Oliveira; secretário, Manuel Régio e Severiano Rodrigues Beirão; tesoureiro, António

Há falta de casas

Lá como cá, os senhorios adoptam expedientes infames...

dos que bastam para nós fazermos uma pequena ideia da forma incompetente como tam grave problema tem sido tratado pelas autoridades.

«O sr. Afonso de Carvalho pronunciou, na sessão do funcionalismo de 7 do corrente, uma grande verdade: é de que o problema da habitação é fácil de solucionar. Ba, para isso, defrontar-se com inteligência o problema, e ter-se uma vontade firme de o resolver».

Em 1919, o conselho do governo ocupou-se da questão, e pôs de parte, com certa incépia, o projecto do sr. Santos Gil, para resolver a construção, aos bocadinhos, entregando-as a várias empresas teiros.

Se havia de se fazer um rol quanto possível exacto de todo o material a empregar e comprá-lo dum facto, ao preço firme de X, começou-se a fazer as compras aos bocadinhos, e daí enroscou-se a empresa nos sobressaltos e instabilidades cambiais que de novembro de 1919 em diante se manifestaram.

O resultado é que os 300 contos destinados às casas, cá, vez ficavam mais minúsculos à medida que o câmbio subia e daí o fiasco final. Ora isto, temos de concordar, não honra quem actuou no superintendente na execução da obra, porque, mesmo que a instabilidade cambial se não manifestasse, nada justificava que os materiais fossem comprados, como costuma dizer-se, às milhijas, em vez de se comprarem em globo, o que, sabido que quanto maior quantidade se compra, mais barato sai, só revela incépia e incompetência.

O conselho do governo recolheu, portanto, a penates, deixando como prova do seu pouco tacto seis casas em principio de construção e nunca mais pensou no assunto, senão para discutir a portaria n.º 1729, e nessa discussão revela mais uma vez a sua incompetência, pois não há ninguém que não considere a lei um verdadeiro aborto, em que pese ao dr. sr. Reis, que as más línguas dizem por aí à boca cheta ter feito a lei por procuração dos monstros.

E' bastante elucidativo o que os leitores acabam de ler.

Entendemos, porém, que a resolução não depende apenas do governo daquela cidade africana. Os governos da metrópole são os principais culpados.

Felizmente observamos que os mais interessados, os inquilinos de todos os pontos, onde a caranguejola republicana tem influência, se estão mexendo no sentido de impelir os governantes para diante, obrigando-os a atacar o problema de frente.

Em Peniche

Uma sessão de propaganda

PENICHE, 24.—A classe dos soldados, com os restantes metalúrgicos desta vila, reunidos em assembleia geral, sob a presidência de Isidoro Matias do Carmo, secretário-geral por Luciano Pires e José Taveira, a fim de apreciar as teses do Congresso Nacional Metalúrgico, apresentadas pelos camaradas Zacarias Pinho e António Peixe, delegados do S. U. Metalúrgico de Lisboa, deliberou, por proposta do camarada serralleiro Alfredo Raúl de Almeida, nomear um delegado ao Congresso que deve ter lugar na cidade de Tomar, sendo escolhido para o desempenho dessa missão o presidente da direcção dos soldados, o camarada José Estevo Farinha.

Sobre as teses que se vão defender, falaram, depois de serem apresentados à assembleia, o camarada Zacarias Pinho, que fez ver o valor dos Sindicatos Unicos, e bem assim a criação da Federação Metalúrgica, e o camarada António Peixe, que salientou com muita proficiência, além, doutras partes importantes das teses de que é relator, a importância dos conselhos técnicos, caixa de solidariedade e pensões a viúvas e filhos de metalúrgicos, congratulando-se por fim em ter conseguido fechar com chave de ouro, nesta vila (o que nunca esperou) a missão de que vinha incumbido.

Os nossos camaradas foram carinhosamente recebidos e ficaram plenamente satisfeitos pelo bom acolhimento prestado e por terem a esperança de ser formada aqui uma secção dos operários metalúrgicos, depois das resoluções do Congresso.

A sessão foi encerrada no meio de grande entusiasmo.

Pessoal da Carris

Procurou-nos a comissão de melhoramentos do pessoal da Companhia Carris de Ferro, que nos pediu tornasemos público o seu protesto contra a notícia tendenciosa publicada no *Século* de ontem, na qual se dizia que o mesmo pessoal se preparava para uma paralisação de serviço, em virtude da Companhia oferecer 1550 de aumento quando o pessoal quer 2350.

Afirmamos aquela comissão ser falsa a notícia do *Século*, pois na reunião do pessoal nada se passou no sentido por ele noticiado pelo *Século*.

Como sempre, aquele jornal prossegue na publicação das suas mentiras renegadas.

AMANHÃ: Artigo de HAMON

